

# CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA E OS CENTROS DE GESTÃO DO TERRITÓRIO\*

Roberto Lobato Corrêa \*\*

O presente estudo constitui uma contribuição ao tema da gestão do território no Brasil, considerando a atividade financeira, muito pouco estudada pelos geógrafos, como elemento de análise. Especificamente intenta-se verificar a ampliação, redução ou eliminação do papel dos centros urbanos na gestão do território a partir da concentração dos bancos comerciais que ocorreu no país, especialmente a partir da década de 60.

Por gestão do território entendem-se, resumidamente, as ações exercidas pelos agentes sociais, privados e públicos, no sentido de apropriar-se de um território e controlar a sua organização sócio-espacial. Visam estas ações, em última instância, a garantir a reprodução do sistema social do qual os agentes que dispõem de poder constituem os gestores do território.

Na sociedade capitalista atual a gestão do território deriva em grande parte dos interesses das grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, entre elas aquelas do setor financeiro. De fato,

o processo de criação, apropriação e circulação do valor, fundamental, mas não exclusivo, para a organização do espaço capitalista, passa necessariamente pela atividade financeira, cuja magnitude, tanto em termos monetários como espaciais, é uma medida do grau de desenvolvimento das atividades capitalistas.

A atividade financeira, por outro lado, localiza-se nos centros urbanos: uma cidade aparece como local da sede social de bancos comerciais, de investimento, de companhias de arrendamento mercantil etc., enquanto outras, via de regra menores, constituem locais onde estão as agências subordinadas à sede, as filiais.

O centro de decisão da atividade financeira exerce um papel de controle, maior ou menor, sobre as atividades econômicas das cidades subordinadas e de suas respectivas áreas de influência, tal qual mostraram, entre outros, Lenin (1979, 127 p.) e Labasse (1958, 532 p.). Este controle se dá através de diversos

\* Recebido para publicação em 25 de agosto de 1988

Trabalho realizado no âmbito do Laboratório de Gestão do Território — LAGET, Convênio IBGE-UFRJ

\*\* Analista Especializado em Geografia da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. Professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ.

mecanismos. Um deles consiste na captura, através dos depósitos, de uma massa de recursos monetários oriundos da poupança. Outro advém dos diferentes tipos de empréstimos e respectivos juros que os bancos realizam. Os investimentos diretos e a participação acionária em empresas, que ali atuam, constituem outros poderosos mecanismos através dos quais os bancos exercem um controle simultaneamente econômico e territorial. Finalmente, o desconto e a cobrança, vinculados às operações comerciais, bem como os serviços diversos que realizam, constituem outros mecanismos de controle sobre a criação, apropriação e circulação do valor em um dado território.

É através da atividade financeira, naquilo em que ela participa do processo de circulação, que também se viabiliza a divisão territorial do trabalho e a integração espacial de distintas unidades de área.

É em todos estes sentidos que o centro de decisão, local da sede social de uma instituição financeira, exerce um papel de foco da gestão do território.

## CONCENTRAÇÃO — DISPERSÃO DOS BANCOS E A IMPORTÂNCIA DE SÃO PAULO

A partir da década de 40 verificou-se uma enorme expansão do sistema bancário nacional. Processou-se de modo semelhante à seqüência histórica apon-

tada por Fray (1975, 261 p.) isto é: inicialmente, através da criação de numerosos pequenos bancos locais, muitos dos quais efêmeros, logo tendo sido absorvidos por outros e, posteriormente, pela criação de numerosas agências subordinadas aos bancos de maior porte.

A aceleração do desenvolvimento capitalista no Brasil constituiu o fator fundamental da expansão do sistema bancário. A inflação, por outro lado, acentua esta expansão. Segundo Goldsmith (1986, 557 p.) e sobretudo Passos (1973, 209 p.), entre 1945 e 1965 os bancos ampliaram seus lucros através da prática de taxa de juros dos tomadores de empréstimos maior que a taxa de inflação. Por outro lado, por falta de opções de investimento, e visando a "manter os ativos líquidos necessários às suas atividades" (Passos, 1973, 209 p.), as empresas e particulares aumentaram seus depósitos à vista. O aumento do volume dos depósitos, remunerados com taxas de juros inferiores à da inflação, suscitou a ampliação espacial do sistema bancário, numa tentativa de captar o máximo de depósitos.

A expansão do sistema bancário, que ganha impulso a partir da reforma financeira de 1964-1967 (Goldsmith, 1986, 557 p.), se fez com base em um processo de concentração-dispersão, com a diminuição progressiva do número de bancos e o aumento, também progressivo, do número de agências.

O Quadro 1 evidencia esta expansão.

Este processo de concentração-dispersão dos bancos foi acompanhado pela progressiva criação de redes nacionais de bancos comerciais, os quais

### QUADRO 1

#### EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE SEDES E AGÊNCIAS DE BANCOS COMERCIAIS NO BRASIL — 1941-1985

ANOS	EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE SEDES E AGÊNCIAS		
	Sedes	Agências	Agências e Sedes
1941.....	512	1 134	2,2
1952.....	408	2 619	6,4
1961.....	333	5 247	15,7
1971.....	145	7 679	52,9
1985.....	90	15 070	167,4

FONTES: Ministério da Fazenda — Movimento Bancário do Brasil — 1941, 1952 e 1971; Movimento Bancário do Brasil, segundo as Praças — 1961; Sistema Financeiro Nacional — Banco Central do Brasil — 1985

são os núcleos de poderosos conglomerados financeiros. Assim, se em 1941 cada banco controlava, em média, 2,2 agências, em 1961 passava a controlar 15,7. Em 1971, após a reforma financeira da década anterior, era 52,9 agências por banco e em 1985 mais de 150.

De fato, desapareceram numerosos pequenos bancos locais que atuavam através de uma única localização, não possuindo nenhuma agência subordinada. Na Paraíba, por exemplo, havia, em 1941, um total de 42 sedes bancárias e apenas seis agências: em 1985, havia apenas um único banco com sede em João Pessoa que controlava mais de 30 agências no interior. Mesmo um estado como São Paulo, já com 303 agências, possuía 98 bancos, estabelecendo-se uma relação de 3,1 agências por banco. No Rio Grande do Sul, no entanto, havia 10,2 agências para os 18 bancos ali sediados.

Ao desaparecimento dos pequenos bancos locais emergem, primeiramente, bancos de atuação regional e, em seguida, à medida que a concentração prossegue, bancos atuando nacionalmente. Assim, em 1961, já havia alguns expressivos bancos regionais, atuando no âmbito da área de influência de algumas metrópoles regionais, onde se situavam suas sedes sociais. Contudo, nenhum banco possuía mais de 500 agências, nem mesmo o Banco do Brasil S.A., o maior do país. Em 1985 há vários gran-

des bancos de atuação nacional, com mais de 500 agências distribuídas por todo o país.

No bojo do processo de concentração bancária a metrópole de São Paulo emerge como o mais importante centro de decisões financeiras do país: se, em 1941, a cidade do Rio de Janeiro com suas 134 sedes de bancos era o principal centro financeiro do Brasil, em 1985 a metrópole paulista coloca-se em primeiro lugar, suplantando de muito a metrópole carioca. A proeminência de São Paulo deriva do fato de ela concentrar parcela considerável das sedes sociais das empresas financeiras brasileiras, entre elas as mais importantes. O Quadro 2 é, a este respeito, muito significativo.

A metrópole paulista é a sede dos dois maiores bancos comerciais privados brasileiros, núcleos de poderosos conglomerados financeiros, o Banco Brasileiro de Descontos S.A. — BRADESCO e o Banco Itaú S.A. Concentra, ainda, a sede de dois outros grandes bancos comerciais de âmbito nacional, a União de Bancos Brasileiros S.A. — UNIBANCO e o Banco Real S.A.

São Paulo constitui, por outro lado, o principal foco de localização da sede de bancos que, apesar de juridicamente serem nacionais, são de fato bancos estrangeiros, desempenhando papel de importância crescente na vida econômica do país, conforme indica Baer (1986, 164 p.). Do total de 29 bancos comerciais sediados em São Paulo, cerca de

## QUADRO 2

### SEDE SOCIAL DAS EMPRESAS DO SETOR FINANCEIRO — 1985

SETOR FINANCEIRO	NÚMERO DE SEDES SOCIAIS										
	Total	Localização									
		São Paulo	Rio de Janeiro	Belo Horizonte	Porto Alegre	Recife	Salvador	Curitiba	Fortaleza	Brasília	Outras cidades
Bancos Comerciais.....	90	29	8	6	6	4	3	2	7	2	23
Bancos de Investimentos.....	38	18	11	1	4	1	2	1	—	—	—
Sociedades de Crédito, Financiamento e Investimento.....	112	52	17	10	9	3	3	4	2	1	11
Sociedades de Arrendamento Mercantil	56	30	15	2	4	1	—	1	—	—	3
Sociedades Corretoras.....	267	73	55	19	20	13	13	20	10	2	42
Sociedades Distribuidoras.....	410	161	159	28	23	2	2	8	1	1	25
Bancos Comerciais com Capital Social Superior a 100 Bilhões de Cruzeiros	25	15	1	2	1	—	2	2	1	1	—
Bancos Comerciais com Capital Social Superior a 1 Trilhão de Cruzeiros..	3	2	—	—	—	—	—	—	—	1	—

FONTES: Sistema Financeiro — Distribuição de Sedes e Dependências no País, Banco Central do Brasil, 1985; e Sistema Financeiro Nacional — Dados Estatísticos e Gerais, Banco Central do Brasil, 1985.

um terço é, em realidade, de capital estrangeiro. São exemplos, entre outros, o Banco Francês e Brasileiro S. A. (Crédit Lyonnais), o Banco Multiplic S. A. (Lloyds Bank) e o Banco Mitsubishi Brasileiro S. A. (Grupo Mitsubishi).

Por outro lado ainda, os bancos que oficialmente são considerados como estrangeiros, e que por isso não foram incluídos no quadro em pauta, estão majoritariamente concentrados em São Paulo. Dos 19 bancos que atuam no país, 14 possuem "escritórios regionais" em São Paulo e cinco no Rio de Janeiro: as verdadeiras sedes, onde são tomadas as decisões mais importantes, localizam-se fora do país, nas grandes metrópoles internacionais, entre elas Londres, Paris e Tóquio. A mesma concentração verifica-se em relação aos representantes dos bancos estrangeiros: a metrópole paulista concentra 140 dos 223 representantes existentes em 1985, enquanto o Rio de Janeiro detém 81.

Neste sentido, a cidade de São Paulo desempenha, em realidade, um duplo papel na gestão do Território Nacional: de um lado como centro efetivo de gestão e, de outro, como centro intermediário da gestão internacional. E é por este duplo papel que em São Paulo localizam-se poderosas firmas internacionais de auditoria de empresas, como se exemplifica com a filial da firma nova-iorquina Price Waterhouse, auditora de importantes bancos como o BRADESCO, UNIBANCO, Banco Mitsubishi e Banco Sudameris.

A concentração das atividades de gestão do setor financeiro está associada à importância da atuação espacial direta de São Paulo, isto é: ao número de agências controladas pelos bancos comerciais nela sediados. Do total de 15 070 agências existentes no país, em 1985, a metrópole paulista controla 6 208, equivalentes a 41% do total, distribuídas por todo o Território Nacional: somente o BRADESCO, Banco Itaú S.A., UNIBANCO e o Banco Real S.A. controlam, juntos, cerca de 4 000 agências. Brasília, por sediar o Banco do Brasil S.A., o maior banco comercial do país, aparece em segundo lugar com cerca de 3 000 agências controladas. A cidade do Rio de Janeiro, com 387 agências sob controle, situa-se em um modesto sétimo lugar, abaixo de Curitiba, Belo Horizonte,

Salvador e Porto Alegre, cada uma controlando entre 750 e 1 250 agências.

O papel proeminente de São Paulo na gestão do setor financeiro apareceu, em realidade, no bojo do processo econômico que a erigiu na grande metrópole nacional.

Vejam os dois momentos deste processo, um relativo ao ano de 1961 e outro ao de 1985. O primeiro dos dois anos foi selecionado pelo fato de referir-se a um momento que antecede a reforma financeira de 1964-1967, que viabilizou, simultaneamente, o processo de concentração financeira, a "articulação mais estreita do Brasil com o sistema financeiro internacional" (Baer, 1986, 164 p.), e a hegemonia financeira de São Paulo. O segundo ano é considerado como sendo representativo do momento atual. Considerar-se-ão com os elementos analíticos a localização da sede dos bancos comerciais, o número e a localização de suas agências, tanto em 1961 como em 1985.

## OS CENTROS DE GESTÃO DA ATIVIDADE BANCÁRIA EM 1961

Em 1961 a gestão da atividade bancária estava dispersa por 77 centros urbanos que sediavam 333 bancos. A metrópole carioca controlava 101 empresas bancárias, sendo seguida pela cidade de São Paulo com 74. Cinco outras cidades controlavam, cada uma, de nove a 14 bancos: Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza. Com um número de bancos variando entre dois e sete havia 18 cidades. Cada um dos demais 52 centros controlava um único banco. O Quadro 3 especifica estas 77 cidades e o número de bancos que cada uma controlava.

A análise dos dados referentes ao número de bancos e à localização de suas sedes, bem como ao número de suas agências e às respectivas localizações, possibilita detectar, pelo menos, dois pontos básicos que contribuem para a compreensão da temática da gestão do território e de sua dinâmica. O primeiro refere-se ao caráter regional dos bancos e à conseqüente fraca integração nacio-

## QUADRO 3

## CIDADES CONTROLADORAS DA ATIVIDADE BANCÁRIA — 1961

CIDADES	NÚMERO DE SEDES DE BANCOS	CIDADES	NÚMERO DE SEDES DE BANCOS
<b>TOTAL</b> .....	<b>333</b>		
Rio de Janeiro .....	101	Pedra Azul.....	1
São Paulo.....	74	Poços de Caldas.....	1
Belo Horizonte.....	14	Sete Lagoas.....	1
Porto Alegre.....	10	Uberaba.....	1
Recife.....	9	Uberlândia.....	1
Salvador.....	9	Mirai.....	1
Fortaleza.....	9	Visconde do Rio Branco.....	1
Santos.....	7	Cachoeiro do Itapemirim.....	1
Aracaju.....	6	Iconha.....	1
Belém.....	5	Vitória.....	1
Niterói .....	5	Campos.....	1
São Luís.....	3	Cantagalo.....	1
Campina Grande.....	3	Cordeiro.....	1
João Pessoa.....	3	Teresópolis .....	1
Curitiba.....	3	Valença .....	1
Mossoró .....	2	Americana.....	1
Natal.....	2	Andradina.....	1
Juiz de Fora.....	2	Caconde.....	1
Campinas .....	2	Cravinhos.....	1
Ribeirão Preto.....	2	Dois Córregos.....	1
Monte Azul Paulista.....	2	Jaú.....	1
São Caetano do Sul .....	2	Marília .....	1
Castro.....	2	Matão.....	1
Goiânia .....	2	Mococa.....	1
Brasília .....	2	Presidente Prudente.....	1
Manaus.....	1	São Carlos.....	1
Parnaíba.....	1	São Joaquim da Barra .....	1
Teresina.....	1	Londrina .....	1
Crato .....	1	Nova Esperança.....	1
Juazeiro do Norte .....	1	Ponta Grossa.....	1
Sobral.....	1	Blumenau.....	1
Maceió.....	1	Florianópolis.....	1
Maruim .....	1	Itajaí.....	1
Ilhéus.....	1	Joinville.....	1
Itabuna.....	1	Santa Cruz do Sul.....	1
Araxá.....	1	Corumbá.....	1
Frutal.....	1	Anápolis.....	1
Governador Valadares.....	1	Catalão .....	1
Leopoldina.....	1		

FONTE: Ministério da Fazenda. Movimento Bancário do Brasil, segundo as Praças, 1960—1961 — SEEF

nal, espelhando a relativa pulverização no espaço brasileiro da função de gestão da atividade bancária. O segundo engloba dois aspectos, a saber: a importância relativa de Belo Horizonte como centro de gestão da atividade bancária e a fraqueza da cidade do Rio de Janeiro,

### Os Bancos Regionais: Pulverização e Fraca Integração Nacional

A pulverização do sistema bancário e de sua gestão associa-se à pequena dimensão dos bancos então existentes. Os

grandes bancos comerciais existentes na década de 80 estavam em processo de formação. Em realidade, mais de 40% dos bancos atuavam, apenas, através de suas sedes, não possuindo nenhuma agência, quer na cidade-sede, quer em sua hinterlândia. É de se supor que a atuação espacial desses bancos fosse limitada, realizando-se através de representantes localizados na hinterlândia das cidades-sedes.

À guisa de exemplificação, mais da metade dos bancos sediados no Rio de Janeiro e São Paulo atuavam, apenas,

através de suas sedes, o mesmo ocorrendo com quatro dos cinco bancos de Belém, dois dos três de São Luís, e a maior parte dos bancos de Fortaleza e Santos. Os únicos bancos sediados em Parnaíba, Sobral, Crato, Itabuna, Governador Valadares, Frutal, Visconde do Rio Branco, Campos, Americana, Jaú, Presidente Prudente, Nova Esperança, Blumenau, Santa Cruz do Sul e Catalão, entre outros, atuavam, basicamente, através de suas respectivas sedes.

Convém apontar que o processo de concentração bancária, verificado, sobretudo, a partir do começo da década de 70 (o processo de concentração . . . , ver bibliografia), iria eliminar esses e outros pequenos bancos assim como alguns dos grandes então existentes. O Quadro 4, referente a esta questão, indica as cidades que, por terem visto seus bancos incorporados por outros, foram excluídas da gestão da atividade bancária, perdendo, assim, significativo papel na gestão do território.

Apesar da pulverização das sedes dos bancos, a sua distribuição, no entanto, relacionava-se, de certo modo, ao grau de desenvolvimento das atividades econômicas regionais e à importância dos centros urbanos. Assim, a Região Sudeste concentrava 242 bancos e 41 centros de gestão da atividade bancária, entre eles os três maiores, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Importantes capitais regionais, como Vi-

tória, Juiz de Fora, Uberlândia, Campinas, Ribeirão Preto e Marília, desempenhavam a função de gestão da atividade bancária. O centro portuário de Santos e cidades como Poços de Caldas, Leopoldina, Sete Lagoas e Cantagalo apresentavam, também, importante papel como centros de gestão.

Com 55 empresas bancárias, sediadas em 18 cidades, o Nordeste tinha em Recife, Salvador e Fortaleza, seus centros metropolitanos, os principais focos de gestão da atividade bancária. Seguiam-lhes as capitais regionais de São Luís, Teresina, Crato, Juazeiro do Norte, Sobral, Mossoró, Natal, João Pessoa, Campina Grande, Maceió, Aracaju, Ilhéus, Itabuna, e dois outros centros, Parnaíba e Maruim.

A Região Sul possuía 23 bancos e 11 centros. Porto Alegre, Curitiba, Ponta Grossa, Londrina, Blumenau, Florianópolis e Joinville estão entre os principais centros da região, desempenhando a função de gestão de pelo menos uma empresa bancária. Itajaí dispunha de um importante banco.

Belém e Manaus, de um lado, e Goiânia, Brasília e Anápolis, de outro, apareciam como os principais centros de gestão nas Regiões Norte e Centro-Oeste, respectivamente com seis e sete bancos.

A distribuição espacial das sedes dos bancos estava, por sua vez, correlacionada a um outro aspecto fundamental. O sistema bancário caracterizava-se por

#### QUADRO 4

#### CIDADES QUE POSSUÍAM SEDES DE BANCOS EM 1961 E QUE EM 1985 NÃO MAIS AS POSSUÍAM

REGIÕES	CIDADES SEGUNDO O NÚMERO DE SEDES DE BANCOS PERDIDAS				
	1	2	3	5	7
Norte . . . . .	—	—	—	—	—
Nordeste . . . . .	Parnaíba, Crato, Juazeiro do Norte, Sobral, Maruim, Ilhéus, Itabuna	—	Campina Grande	—	—
Sudeste . . . . .	Pedra Azul, Governador Valadares, Miraf, Visconde do Rio Branco, Leopoldina, Poços de Caldas, Araxá, Uberaba, Uberlândia, Frutal, Cachoeiro do Itapemirim, Iconha, Campos, Cantagalo, Cordeiro, Teresópolis, Valença, Americana, São Carlos, Mococa, Cravinhos, Caconde, Matão, São Joaquim da Barra, Dois Córregos, Jaú, Marília, Presidente Prudente, Andradina	São Caetano do Sul, Campinas, Ribeirão Preto	—	Niterói	Santos
Sul . . . . .	Londrina, Nova Esperança, Ponta Grossa, Blumenau, Itajaí, Joinville, Santa Cruz do Sul	Castro	—	—	—
Centro-Oeste . . . . .	Corumbá, Catalão, Anápolis	—	—	—	—

**FONTES:** Ministério da Fazenda; Movimento Bancário do Brasil, segundo as Praças, 1960-1961. SEEF, Sistema Financeiro Nacional — Distribuição das Sedes e Dependências no País. Banco Central do Brasil, 1985.

ser constituído por bancos eminentemente regionais, isto é, que atuavam, sobretudo, na hinterlândia da cidade em que se localizava sua sede. Assim, um banco sediado em uma metrópole regional apresentava uma atuação que se restringia à hinterlândia metropolitana, ainda que, necessariamente, não recobrisse todo o território de influência metropolitana. Semelhantemente, um banco com sede em uma capital regional tinha sua atuação restrita à sua área de influência.

Deste modo, tanto em termos de localização como de atuação espacial, os bancos caracterizavam-se por serem regionais, o termo tendo um significado que se aproxima daquele vinculado à teoria das localidades centrais. O Quadro 5 é, a este propósito, muito significativo.

Sua análise revela que em relação às cidades de Belém, Recife, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, mais de 75% das unidades bancárias (sede + agências) estavam localizadas na hinterlândia de cada uma destas cidades: no caso de São Paulo, por exemplo, das 1 580 uni-

dades bancárias controladas, 1 273 localizavam-se no território paulista, e a grande maioria das 179 agências paranaenses situava-se no norte do Paraná, área subordinada à metrópole paulistana. Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro apresentavam, por sua vez, mais de 50% de suas unidades bancárias localizadas em suas respectivas hinterlândias. No caso de Fortaleza, este percentual apenas ultrapassa os 40% em virtude de a capital cearense ser a sede do Banco do Nordeste S.A., um banco federal que atua em todo o Nordeste. Excluído este banco, o mais importante dos que estavam sediados em Fortaleza, os demais atuavam quase que exclusivamente no território cearense.

A atuação eminentemente regional dos bancos implicava uma fraca integração nacional. Assim, por exemplo, nas Regiões Norte e Nordeste a atuação dos bancos de São Paulo fazia-se através das agências situadas em Belém, Natal, Salvador e Recife, num total de apenas 13 agências. Os bancos cariocas atuavam através de 18 agências localizadas em

### QUADRO 5

#### CONTROLE DAS UNIDADES BANCÁRIAS PELOS CENTROS METROPOLITANOS E BRASÍLIA — 1961

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CONTROLE DAS UNIDADES BANCÁRIAS											
	Número e Localização das Sedes das Unidades Bancárias											
	Total	Belém	Fortaleza	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Curitiba	Porto Alegre	Distrito Federal	Outros
<b>TOTAL.....</b>	<b>5 580</b>	<b>51</b>	<b>57</b>	<b>65</b>	<b>222</b>	<b>1 039</b>	<b>478</b>	<b>1 580</b>	<b>149</b>	<b>500</b>	<b>473</b>	<b>966</b>
Rondônia.....	5	2	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—
Acre.....	8	5	—	—	—	1	—	—	—	—	2	—
Amazonas.....	15	7	—	—	—	2	1	—	—	—	2	3
Roraima.....	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
Pará.....	33	18	1	—	—	5	1	1	—	—	4	3
Amapá.....	3	1	—	—	—	1	—	—	—	—	1	—
Maranhão.....	15	5	—	—	—	2	—	—	—	—	5	3
Piauí.....	16	—	3	—	—	2	—	—	—	—	9	2
Ceará.....	51	1	22	1	—	6	1	—	—	—	15	5
Rio Grande do Norte.....	20	—	5	3	—	1	—	1	—	—	6	4
Paraíba.....	35	—	6	5	—	2	—	—	—	—	8	14
Pernambuco.....	93	—	6	40	6	13	5	7	—	—	11	5
Alagoas.....	23	—	3	3	3	3	—	—	—	—	6	5
Sergipe.....	24	—	3	—	1	1	1	—	—	—	6	12
Bahia.....	234	1	5	2	150	23	9	4	—	—	29	11
Minas Gerais.....	852	—	3	—	8	591	16	23	—	1	80	130
Espírito Santo.....	60	—	—	—	—	20	—	2	—	—	9	29
Rio de Janeiro.....	780	1	—	5	9	151	295	51	—	19	38	211
São Paulo.....	1 982	1	—	5	41	110	138	1 273	5	14	109	286
Paraná.....	515	—	—	—	2	25	1	179	140	14	25	129
Santa Catarina.....	132	—	—	—	—	6	—	2	4	33	19	68
Rio Grande do Sul.....	514	1	—	—	—	18	3	13	—	416	57	6
Mato Grosso do Sul.....	33	—	—	—	—	9	—	13	—	—	9	2
Mato Grosso.....	11	3	—	—	—	4	—	—	—	—	3	1
GoIás.....	79	3	—	—	—	31	1	4	—	—	14	26
Distrito Federal.....	45	1	—	1	2	11	6	7	—	3	3	11

Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Aracaju e Salvador. A atuação das duas metrópoles do Sudeste fazia-se assim nas principais praças, locais de consumo e redistribuição de produtos importados.

Na Região Centro-Oeste as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo também atuavam fracamente, respectivamente com sete e vinte e quatro agências, localizadas principalmente em Brasília, Goiânia e Campo Grande. Na Região Sul, dotada de poderosa rede bancária sediada regionalmente, sobretudo em Porto Alegre, a metrópole carioca atuava através de apenas quatro agências, enquanto São Paulo o fazia através de 194, das quais a grande maioria no norte paranaense, duas em Santa Catarina Joinville e Blumenau) e 13 no Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Passo Fundo).

Deste modo, as capitais regionais, situadas na hinterlândia das metrópoles regionais, eram, do ponto de vista bancário, efetivamente dependentes de bancos sediados em suas respectivas metrópoles: cidades como Caruaru, Feira de Santana, Divinópolis, Bauru e Caxias do Sul possuíam mais da metade de suas agências bancárias dependentes de decisões tomadas, respectivamente em Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre.

Era através do Banco do Brasil S.A., com sede recém-transferida do Rio de Janeiro para Brasília, a Capital Federal recém-instalada, que se verificava uma mais efetiva integração nacional: mesmo assim, através de um número de agências inferior a 500, distribuídas, ainda que desigualmente, por todo o Território Nacional. Secundariamente, a integração se fazia através dos bancos mineiros, sobretudo daqueles sediados em Belo Horizonte.

É no âmbito deste esquema que atuavam os pequenos e médios bancos, mesmo alguns de porte maior, sediados em capitais regionais e centros menores. A existência deles pode ser explicada, de um lado, pelo fato de não ter havido ainda uma total integração econômica da cidade-sede a um centro metropolitano, implicando isto a não absorção de seu banco por um outro sediado na metrópole. De outro, explica-se devido à existência de um processo de acumulação mercantil passado ou a um dina-

mismo atual da economia da hinterlândia da cidade-sede.

Entre os exemplos de expressivos bancos regionais citam-se o Banco Industrial de Campina Grande S.A., o Banco Agrícola de Sete Lagoas S.A., o Banco Segurança S.A. (Campinas), além dos importantes bancos de Juiz de Fora (Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A.) e de Itajaí (Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.) A coluna relativa a Outros, no Quadro 5, contempla estas e outras cidades-sedes e seus respectivos bancos: os Estados da Paraíba, Sergipe, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Goiás possuíam um relativo número de cidades-sedes e bancos. O Quadro 6, a seguir, indica a área de atuação de alguns desses bancos de pequeno e médio portes e ainda alguns de maior porte.

### **A Importância Relativa de Belo Horizonte e a Fraqueza do Rio de Janeiro**

A cidade de Belo Horizonte desfrutava de uma relativa importância no que se refere ao comando da atividade bancária. Suas 1 039 sedes e agências distribuíam-se, à exceção de Roraima, por todos os estados e territórios. Apresentava, assim, uma atuação espacial menos concentrada que a da metrópole paulista e semelhante à de Brasília, sede do Banco do Brasil S.A.

A atuação espacial de Belo Horizonte realizava-se, sobretudo, pela ação do Banco da Lavoura de Minas Gerais S.A., "o banco que conhece todo o Brasil", conforme dizia o **slogan** do banco (Ribeiro e Guimarães, 1967, 439 p.). Possuía 347 agências, sendo superado, neste aspecto, apenas pelo Banco do Brasil S.A. No que se refere ao montante de depósito, situava-se, em 1963, em terceiro lugar, atrás do Banco do Brasil S.A. e do Banco do Estado de São Paulo S.A. — BANESPA (Passos, 1973, 209 p.). Era realmente o maior banco privado do país.

Sua atuação fazia-se de dois modos. Nas Regiões Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste, onde detinha um número menor de agências, atuava através das principais localidades centrais de cada estado ou territórios: além das capitais, onde em



## QUADRO 6

## ÁREA DE ATUAÇÃO DE BANCOS SELECIONADOS — 1961

BANCO	MUNICÍPIOS SEDE	ÁREAS DE ATUAÇÃO PRINCIPAL
Banco Industrial de Campina Grande S.A. Banco Mercantil do Nordeste S.A.....	Campina Grande (PB) Aracaju (SE)	Litoral, agreste e sertão paraibanos Litoral, agreste e baixo São Francisco sergipano e alagoano
Banco Agrícola de Sete Lagoas S.A...	Sete Lagoas (MG)	Área do cerrado entre os rios Velhas, Paraopeba e São Francisco
Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo S.A..... Banco Agrícola de Cantagalo S.A.....	Vitória (ES) Cantagalo (RJ)	Todo o território capixaba Secção central do território fluminense: Vale do Paraíba e Baixada
Banco Segurança S.A.....	Campinas (SP)	Região imediata de Campinas: Vinhedo, Nova Odessa, Pedreira e Artur Nogueira, entre outros
Banco Comercial do Paraná S.A..... Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.....	Ponta Grossa (PR) Itajaí (SC)	Todo o território paranaense
Banco Comercial do Estado de Goiás S.A.	Anápolis (GO)	Todo o território catarinense Microrregião "Mato Grosso" de Goiás

FONTE: Ministério da Fazenda Movimento Bancário do Brasil, 1960—1961 — SEEF

Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia e Brasília, tinha duas ou mais agências, sua atuação se fazia através de cidades como Parnaíba, Campina Grande, Caruaru, Arapiraca, Itabuna, Londrina, Joinville, Caxias do Sul, Campo Grande e Anápolis, entre outras. Desta maneira, através de localizações seletivas, correspondentes aos principais pontos focais da circulação em geral, o banco em pauta controlava parcela da circulação de capitais da vasta hinterlândia do país. Neste sentido constituía-se em um banco nacional.

Na Região Sudeste a atuação do Banco da Lavoura de Minas Gerais S.A. fazia-se de modo mais intenso, incluindo, além das grandes e médias cidades, as pequenas localidades centrais voltadas para áreas rurais próximas. Nas grandes cidades atuava não apenas nas respectivas áreas centrais, mas também nos subcentros comerciais intra-urbanos: possuía mais de 10 agências tanto em Belo Horizonte, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Estava presente em capitais regionais como Juiz de Fora, Governador Valadares, Uberlândia, Montes Claros, Vitória, Campos, Bauru, Campinas, Ribeirão Preto e Presidente Prudente, como em numerosas cidades pequenas: Aiuruoca, Itambacuri, Pará de Minas e Serro em Minas Gerais, Itaocara no território fluminense, Batatais, Igarapava, São Ma-

nuel e Uchoa em São Paulo são alguns dos exemplos.

A atuação de Belo Horizonte fazia-se também, entre outros, através do Banco Mineiro da Produção S.A., do governo estadual, e do Banco Nacional de Minas Gerais S.A. O primeiro dispunha de 124 agências localizadas sobretudo em território mineiro, enquanto o segundo possuía 119 agências das quais 21 localizadas em importantes cidades como Manaus, Belém, São Luís, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia e Brasília. Eram bancos predominantemente de ação regional, mas o segundo deles já esboçava uma atuação de caráter nacional.

A relativa importância da capital mineira opunha-se a fraqueza relativa da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de concentrar 101 sedes de bancos, controlava apenas 377 agências, um número inferior ao das agências controladas por São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Apresentava em média menos de quatro agências por banco, bem inferior à média nacional de 15,7. Seus bancos eram assim, em sua maioria, pequenos, cuja atuação direta fazia-se localmente, voltada para o mercado da metrópole. Mesmo bancos de porte médio como o Banco Boa Vista S.A. e o Banco Andrade Arnaud S.A., respectivamente com 27 e 15 agências, atuavam exclusivamente na

cidade do Rio de Janeiro, excluindo mesmo os municípios da região metropolitana.

Suas 377 agências distribuíam-se, eminentemente, pela Região Sudeste, tendo menos de 10% nas outras regiões do país: Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Aracaju, Salvador, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia e Brasília, num padrão altamente seletivo, eram os centros onde extra-regionalmente atuavam os bancos cariocas. A atuação do Rio de Janeiro era, assim, francamente regional.

Uma análise mais acurada de sua atuação regional revela que ela concentra-se especialmente na própria metrópole e no Estado de São Paulo, respectivamente com 287 e 138 agências. Inexpressiva era a sua atuação no interior fluminense — oito agências — e em Minas Gerais — 16 agências. Em relação ao território paulista, a metrópole carioca controlava 51 agências na cidade de São Paulo e 87 no interior. Sobressaíam as agências do Banco Novo Mundo S.A. e do Banco Português do Brasil S.A. Deste modo os bancos cariocas localizavam-se preferencialmente em uma hinterlândia próspera e dinâmica, cuja economia estava centrada em uma atividade agrícola valorizada e na industrialização. E isto em detrimento da atuação em sua própria hinterlândia comercial — território fluminense, capixaba e porção oriental de Minas Gerais — onde atuavam bancos de Niterói, Vitória, Cantagalo, Valença, Leopoldina e, em maior escala, os de Belo Horizonte.

A fraca atuação como centro de gestão da atividade financeira, a cidade do Rio de Janeiro era, por outro lado, um importante campo de atuação dos bancos de Belo Horizonte e de São Paulo, respectivamente com 89 e 46 agências. Isto evidencia seu papel como importante foco de atividades comerciais, industriais e de consumo.

## **OS CENTROS DE GESTÃO DA ATIVIDADE BANCÁRIA EM 1985**

Em 1985 havia 90 bancos comerciais, um número bem inferior aos 333 existentes em 1961. Ao mesmo tempo o número de agências bancárias ampliou-se de

5 247 para 15 070. Esta concentração — dispersão de bancos foi acompanhada pela diminuição do número de centros gestores da atividade bancária, que decaiu de 77 para 28 entre 1961 e 1985, e pela criação de verdadeiras redes bancárias nacionais. O Quadro 7 indica quais são estes centros, bem como a importância relativa de cada um.

A análise dos Quadros 3 e 7 bem como aquelas relativas ao número e localização das agências bancárias e à natureza administrativa dos bancos — privados, estaduais e federais — tanto em relação a 1961 como a 1985 revelam dois pontos fundamentais que serão aqui considerados. Primeiramente, a existência de redes bancárias nacionais e a ascensão de São Paulo. Em segundo lugar o papel do Estado na gestão das atividades bancárias.

## **Os Bancos Nacionais e a Ascensão de São Paulo**

Em 1985 o sistema bancário brasileiro caracteriza-se por ser efetivamente um sistema nacionalmente integrado, constituído por bancos que atuam, através de suas agências, em todo o território brasileiro. Isto inclui não apenas os grandes bancos, com mais de 500 agências, mas também os bancos de médio e pequeno portes. O Quadro 8 coloca em evidência este aspecto.

A atuação nacional dos bancos vai espelhar-se na exclusão, na razão social, do nome do estado onde está localizada a sede dos mesmos: O Banco Nacional de Minas Gerais S.A. passa a ser simplesmente Banco Nacional S.A., o Banco Econômico da Bahia S.A. é redenominado de Banco Econômico S.A., enquanto o Banco Mercantil e Industrial do Paraná S.A. — BAMERINDUS transforma-se no Banco Bamerindus do Brasil S.A. Deste modo, passam a ser, no plano formal, bancos que não se identificam com interesses de um dado território, mas de todo o país. E, de fato, são bancos com interesses por todo o Brasil.

Os bancos de pequeno e médio portes, por outro lado, para sobreviverem numa estrutura bancária fortemente concentrada, passam a atuar nacionalmente a partir de uma rígida seleção locacional. O Banco Digital S.A. de São Paulo, com 20 agências, atua em Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte,

QUADRO 7

CIDADES CONTROLADORAS DA ATIVIDADE BANCÁRIA — 1985

CIDADES	NÚMERO DE SEDE DE BANCOS	CIDADES	NÚMERO DE SEDE DE BANCOS
<b>TOTAL.....</b>	<b>90</b>		
São Paulo.....	29	Florianópolis.....	1
Rio de Janeiro.....	8	João Pessoa.....	1
Fortaleza.....	7	Juiz de Fora.....	1
Belo Horizonte.....	6	Mossoró.....	1
Porto Alegre.....	6	Monte Azul Paulista.....	1
Recife.....	4	Manaus.....	1
Salvador.....	3	Maceió.....	1
Goiânia.....	3	Teresina.....	1
Curitiba.....	2	Sete Lagoas.....	1
Brasília.....	2	Porto Velho.....	1
Belém.....	2	Rio Branco.....	1
Aracaju.....	2	Boa Vista.....	1
São Luís.....	1	Cuiabá.....	1
Natal.....	1		
Vitória.....	1		

FONTE: Sistema Financeiro Nacional — Dados Estatísticos e Gerais, Banco Central do Brasil, 1985

QUADRO 8

A ATUAÇÃO NACIONAL DE BANCOS SELECIONADOS, SEGUNDO AS REGIÕES — 1985

REGIÕES	BANCOS SELECIONADOS											
	Bra-desco	Itaú S.A.	Real S.A.	Uni-banco S.A.	Na-cional S.A.	Bame-rindus S A	Econô-mico S.A.	Noroeste S.A	Nacional do Norte S.A.	Digital S.A.	Industrial e Co-mercial S.A.	Pinto Magalhães S.A
<b>TOTAL.....</b>	<b>1 841</b>	<b>885</b>	<b>580</b>	<b>597</b>	<b>586</b>	<b>906</b>	<b>534</b>	<b>145</b>	<b>168</b>	<b>20</b>	<b>18</b>	<b>13</b>
Norte.....	101	50	23	6	10	40	33	3	5	2	2	1
Nordeste.....	389	137	48	94	70	104	319	11	119	4	9	2
Sudeste.....	819	479	380	366	396	324	126	106	25	7	3	5
Sul.....	286	127	85	121	69	300	20	16	12	3	2	3
Centro-Oeste.....	246	92	44	10	41	138	36	9	7	4	2	2

FONTE: Sistema Financeiro Nacional — Dados Estatísticos e Gerais, Banco Central do Brasil — 1985.

Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Goiânia, centros metropolitanos, e mais Brasília, Campo Grande, Cuiabá, São Luís, Vitória e Florianópolis. No Estado de São Paulo atua apenas em São Bernardo do Campo, Campinas e Ribeirão Preto.

Outro exemplo aparece com o Banco Industrial e Comercial S.A. de Fortaleza, onde tem quatro agências, que atua nos centros metropolitanos acima indicados, em Brasília e Maceió: na região de influência de Fortaleza possui apenas duas agências: em Crato e Juazeiro do Norte.

Adicionalmente, muitos dos pequenos bancos passam a ter uma clientela seletiva, operando preferencialmente com empresas e não com pessoas físicas e outros serviços.

Bancos de porte médio como o Banco Noroeste S.A., de São Paulo, e o Banco Nacional do Norte, de Recife, que têm uma forte base regional de atuação, tornaram-se, também, bancos nacionais, o mesmo verificando-se com o Banco Boa Vista S.A., que passou de um banco de atuação exclusiva na cidade do Rio de Janeiro, para um banco atuando, ainda

que seletivamente, em ampla porção do Território Nacional. De fato, é através dos centros metropolitanos e de cidades como Campinas, Ribeirão Preto, Vitória e Brasília que se tem acesso a todo o mercado nacional.

O processo de concentração-dispersão bancária afetou o papel de centro de gestão da atividade financeira de cidades como Belo Horizonte, Porto Alegre e Rio de Janeiro. A capital mineira, por exemplo, que dispunha de 14 bancos, passa para seis, perdendo, entre outros, o Banco da Lavoura de Minas Gerais S.A. que foi transformado no Banco Real S.A. com sede transferida para São Paulo. Belo Horizonte, entretanto, sedia o Banco Nacional S.A., um dos grandes bancos de atuação em todo o país: entre 1961 e 1985 este banco passou de 120 para mais de 500 agências.

A metrópole gaúcha passou de 10 para seis bancos, tendo perdido importantes e tradicionais bancos que controlavam a circulação de capital no extremo sul do país, como o Banco da Província do Rio Grande do Sul S.A., o Banco Nacional do Comércio S.A., o Banco Agrícola-Mercantil S.A. e o Banco Industrial e Comercial do Sul S.A., que, juntos, controlavam 316 agências. Em 1985 Porto Alegre detém um único banco comercial privado, o Banco Sul-Brasileiro S.A., que dispunha de 387 agências posteriormente este banco foi estatizado transformando-se no Banco Meridional S.A. com sede na capital gaúcha.

A cidade do Rio de Janeiro teve reduzido seu já fraco papel na gestão das atividades bancárias: de 101 bancos, pequenos em sua maioria, passa para, apenas, oito. Seu banco mais importante é o Banco do Estado do Rio de Janeiro S.A., que controla 237 do total de 387 agências controladas pelo Rio de Janeiro; nenhum dos outros sete bancos possuía mais de 60 agências, entre eles o tradicional Banco Boa Vista S.A.

Entre os centros que ampliaram de importância como gestores da atividade bancária estão Salvador, um já tradicional centro de gestão, e Curitiba, um centro de ascensão relativamente recente. O Banco Econômico S.A. e o Banco Bamerindus do Brasil S.A., respectivamente neles sediados, passaram de menos de 100 agências cada um, em 1961, para mais de 500, em 1985.

Mas é a metrópole paulista o centro que mais foi beneficiado pelo processo de concentração-dispersão bancária, conforme é atestado pelo Quadro 2. Em realidade, a primazia paulistana vem se verificando pograssivamente, à medida que ela se transforma na grande metrópole nacional, superando a cidade do Rio de Janeiro. Em 1961, São Paulo era o principal centro de descontos de títulos bancários — o desconto é uma operação que reflete a magnitude das transações comerciais entre indústrias, entre indústrias e comércio e entre comerciantes — ultrapassando o Rio de Janeiro numa proporção de cinco para três. A metrópole carioca, no entanto, detinha pequena vantagem no que diz respeito ao montante dos empréstimos em conta corrente e dos depósitos à vista e a curto prazo.

A ascensão paulista para o primeiro lugar como centro de gestão da atividade bancária processou-se através de três modos que não se excluem. De um lado, através da incorporação de bancos menores e/ou malsucedidos e, de outro, pela criação de novas agências. O terceiro modo refere-se à realocização da sede de uma dada cidade para São Paulo.

Entre os numerosos exemplos de incorporações estão aquelas que, em parte, possibilitaram transformar o Banco Itaú S.A., um banco regional com cerca de 70 agências em 1961, no segundo banco comercial privado do país, com cerca de 900 agências. Em diferentes momentos foram incorporados, entre outros, o Banco da América S.A., de São Paulo, o Banco Irmãos Guimarães S.A., Banco Andrade Arnaud S.A. e o Banco Português do Brasil S.A., do Rio de Janeiro; este banco, por sua vez, já tinha absorvido o Banco Novo Mundo S.A. que, anteriormente, absorvera o Banco do Vale do Paraíba S.A. Deste modo, através de uma cadeia de incorporações, o Banco Itaú S.A. amplia suas agências e sua ação territorial.

A criação de novas agências foi uma prática generalizada entre os bancos que se tornaram de âmbito nacional. Entre os bancos paulistas o BRADESCO é o melhor exemplo, tendo passado de 201 agências, em 1961, para 1 841, em 1985.

A realocização da sede de uma dada cidade para São Paulo, em busca de uma localização mais central, dotada de atividades quaternárias — sedes das GRB-

des empresas industriais, comerciais e de serviços financeiros, de consultoria e auditoria empresarial, entre outros —, é outra prática que ampliou o papel de São Paulo como centro de gestão mais importante. Entre os exemplos estão o pequeno Banco F. Barreto S.A. de Mococa, o já mencionado Banco Real S.A., originário de Belo Horizonte, e o BRADESCO, fundado em Marília. Outro exemplo é o UNIBANCO, que nasceu da incorporação pelo Banco Moreira Salles S.A., de Poços de Caldas, do Banco Agrícola-Mercantil S.A., de Porto Alegre.

O exemplo a seguir, do BRADESCO, exemplifica a ascensão de São Paulo como metrópole financeira do país. Criado em 1943 na franja pioneira do Planalto Ocidental paulista, no mesmo ano já dispunha de agências em Garça, Getulina, Pompéia, Rancharia, Tupã e Vera Cruz (Fontenla, 1965, 224 p.).

Era assim um banco de ação eminentemente regional. Em 1945 já possuía 44 agências, inclusive uma na capital paulista, para onde a sede é transferida no ano seguinte. Em 1948, ao incorporar um pequeno banco carioca, instala uma agência na cidade do Rio de Janeiro. O número de agências sobe para 67 em 1950. Em 1952 instala-se, pioneiramente, entre os bancos paulistas, na capital mineira (Fontenla, 1965, 224 p.).

Apesar de contar em 1961 com 201 agências, o BRADESCO era ainda um banco eminentemente regional, não possuindo nenhuma agência nas Regiões Norte, Nordeste e apenas oito na Centro-Oeste. Em realidade, 151 agências localizavam-se no Estado de São Paulo e 33 no vizinho norte paranaense: ou seja, 90% de uma atuação direta faziam-se na mais rica e dinâmica região do país. Possuía, ainda, agências em pontos-chave da circulação: Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Paranaguá e Juiz de fora, entre outros.

Uma análise mais acurada da localização regional do BRADESCO indica que suas agências localizavam-se em **capitais regionais** como Araçatuba, Bauru, Campinas, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Sorocaba e Londrina, entre outras, em **centros sub-regionais** como Botucatu, Catanduva, Fernandópolis, Lins, Piracicaba, Apucarana e Paranaíba, entre outros, em **centros de zona** como Bariri, Cafelândia, Osvaldo Cruz, Rancharia, Sertãozi-

nho, Assaí, Bela Vista, e em **centros locais**, entre outros, Álvares Machado, Clementina, Itaberá, Lavínia, Quintana, Colorado e Uraí.

Além de uma localização nos centros dos diferentes níveis da hierarquia urbana, o BRADESCO localizava-se em centros eminentemente industriais como Jundiá e Limeira, no Porto de Santos e nos municípios integrantes da região metropolitana paulista, Santo André, São Caetano do Sul, Mauá e Mogi das Cruzes, entre outros. No município da capital havia 49 agências.

O complexo padrão locacional significava uma intrincada rede de captação de recursos que tinha como matriz as atividades econômicas da hinterlândia paulista, o café, o algodão, a cana-de-açúcar, o gado, a indústria, as atividades terciárias e o consumo. Pode-se hipotetizar então que foi a partir de uma sólida acumulação fundamentada em uma base regional rica e dinâmica que o BRADESCO transformou-se, via incorporação de bancos e criação de agências, no maior banco comercial privado do país.

Em 1985 o BRADESCO já tinha consolidado a sua atuação por todo território brasileiro, conforme mostra o Quadro 8. As agências paulistas, que representavam 75% do total de agências em 1961, representavam agora 26% do total, ainda que tivessem sido ampliadas de 151 para 471. As Regiões Norte e Nordeste possuíam 480 agências, mais do dobro do total geral das agências existentes em 1961. A Região Centro-Oeste passou de oito para 246, o Sul de 35 para 286, enquanto o Sudeste teve o número de suas agências multiplicado por cinco.

A difusão das agências do BRADESCO fez-se tanto nas regiões metropolitanas — nas áreas centrais, nos subcentros comerciais intra-urbanos de diferentes níveis hierárquicos, e nas diversas áreas de atividades especializadas — como nas localidades centrais e centros especializados das hinterlândias metropolitanas. Fez-se quer nas regiões de ocupação antiga, quer na “fronteira agrícola”, neste caso, incluindo núcleos recém-criados; em Rondônia, por exemplo, em 1985, havia 18 agências, enquanto no Pará o número ascendia para 45 e em Mato Grosso para 54.

Deste modo, o BRADESCO caracteriza-se por ser o principal banco comercial do país: primazia em termos numéricos e ampla espacialidade são expressões complementares de um mesmo processo de drenagem, acumulação e investimentos que tem como pólo a metrópole paulista, o grande centro de gestão da atividade financeira do país.

### **O Papel do Estado e os Centros de Gestão da Atividade Bancária**

Em 1961 o Estado, no que se refere à esfera federal, detinha os seguintes bancos: o Banco do Brasil S.A., fundado em 1808 (Fontenla, 1965, 224, p.) o Banco de Crédito da Amazônia S.A., célula do atual Banco da Amazônia S.A. — BASA, com sede em Belém, e o Banco do Nordeste do Brasil S.A., sediado em Fortaleza. Cumpriam eles importantíssimo papel, o primeiro atuando efetivamente como um banco de atuação nacional, e os outros dois como grandes bancos regionais, atuando em regiões onde a rede bancária privada era insuficiente; na Amazônia, por exemplo, das 66 unidades bancárias ali existentes, 30 eram do Banco de Crédito da Amazônia S.A., que atuava em 30 das 31 cidades que dispunham de, pelo menos, uma agência bancária.

Os bancos comerciais estaduais não tinham, ainda, a importância que teriam na década de 80. O mais importante deles era o Banco do Estado de São Paulo S.A., criado em 1926 (Fontenla, 1965, 224, p.), e que já possuía uma poderosa rede de agências: em 1963, situava-se, no cômputo geral, no segundo lugar entre os bancos no que se refere ao montante dos depósitos (Passos, 1973, 209 p.).

O Estado de Minas Gerais possuía também uma importante rede bancária estadual constituída pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A., fundado em 1889 e com sede em Juiz de Fora, e os Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais S.A. e o Banco Mineiro da Produção S.A., ambos sediados em Belo Horizonte, e criados, respectivamente, em 1911 e 1935 (Fontenla, 1965, 224 p.): estes dois bancos foram posteriormente fundidos, originando-se o Banco do Estado de Minas Gerais S.A. Em 1961, os três mencionados bancos controlavam mais de 250 agências.

Também importantes eram as redes bancárias estaduais do Rio Grande do Sul, com mais de 100 agências, e do Paraná, com mais de 50. As demais unidades da federação ou não possuíam bancos estaduais ou estes tinham uma pequena importância.

Em 1985, os bancos do Estado desempenhavam importantíssimo papel no processo da circulação de capital. Aos três bancos federais preexistentes foi acrescentado o Banco de Roraima S.A. com sede em Boa Vista.

Em relação às unidades da federação, todas elas passaram a dispor de pelo menos um banco estadual. A importância deles aparece quando se constata que, das 15 000 agências existentes no país, cerca de 3 200 são de bancos estaduais. A primazia do Banco do Estado de São Paulo S.A. é ratificada: possui 559 agências, constituindo, em realidade, um banco de âmbito nacional. Os bancos dos Estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina possuem, cada um, mais de 200 agências. Deste modo, são aqueles estados onde a rede bancária privada é mais densa que apresentam os mais poderosos bancos comerciais estaduais.

A análise do Quadro 7 revela um aspecto muito significativo a respeito da importância dos bancos do Estado, quer federais, quer estaduais. Dos 28 centros de gestão da atividade bancária, apenas quatro não são capitais político-administrativas: Juiz de Fora, Sete Lagoas, Mossoró e Monte Azul Paulista. Os dois primeiros dos quatro centros, no entanto, são sedes de bancos estaduais, respectivamente o Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A. e o Banco Agrimisa S.A. Assim, apenas duas cidades que não dispõem da função de capital sediam bancos comerciais, pequenos aliás, pois cada um tem menos de 20 agências. Capitais regionais como Sobral, Itabuna, Campos, Uberlândia, Campinas, Ribeirão Preto, Londrina, Ponta Grossa, Blumenau e Anápolis, que no passado possuíam pelo menos uma sede de banco, não são mais centros de gestão da atividade bancária.

Das 24 cidades-capitais indicadas no quadro em tela, 12 sediam apenas um único banco que é estadual. Deste modo o crescente papel do Estado na atividade bancária possibilita que numerosas cida-

des possam exercer uma importante função pelo fato de serem capitais político-administrativas: o número destas cidades chegou mesmo a aumentar entre 1961 e 1985, graças à inclusão de Cuiabá, Porto Velho, Rio Branco e Boa Vista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No bojo do processo de concentração dos bancos comerciais verificou-se, simultaneamente, uma redução do número de centros de gestão da atividade bancária, a definição clara de um verdadeiro centro de gestão atuando nacionalmente, a metrópole paulista, a criação de redes nacionais de bancos, e o papel crescente do Estado na gestão direta dos negócios bancários.

Estas transformações estruturais e espaciais são, em realidade, exemplos evidentes e dos mais sintomáticos da passagem de um "espaço molecular", definido pela "atomização territorial da produção" e da gestão, para um "espaço monopolista", a "Configuração de uma totalidade social organizada sobre a base da centralização do capital" e da gestão do território (Moreira, 1985, 215 p.).

Algumas colocações devem agora ser feitas. Primeiramente, este estudo sele-

cionou apenas uma questão para investigação, questão que, em suas linhas gerais, esperamos ter respondido. Outras questões podem ser indicadas, sugerindo novos estudos sobre as relações entre atividade financeira em geral e gestão do território. Muitas delas emergem dos resultados acima apresentados. As que se seguem, constituindo um segundo grupo de colocações, não esgotam as possibilidades dos questionamentos:

a) Como se originou e evoluiu a gestão da atividade financeira em centros urbanos específicos, como Porto Alegre, um poderoso centro da gestão regional durante as décadas de 50 e 60, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que apresentaram dinâmicas distintas a este respeito? Outras cidades, incluindo aquelas que perderam o papel de gestoras da atividade bancária, podem ser consideradas; e

b) Como surgiu e evoluiu um determinado banco como o BRADESCO, um banco menor ou um banco estadual? Esta questão envolve a "história do banco", abrangendo o processo de sua formação em um dado contexto espaço-temporal, as alianças e conflitos com outros agentes, suas estratégias e práticas espaciais. O trabalho de Labasse sobre o banco francês Crédit Lyonnais é, a este respeito, exemplar.

## BIBLIOGRAFIA

- BAER, M. A. *A internacionalização financeira no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1986. 164 p.
- FONTENLA, V. *História dos bancos no Brasil*. Rio de Janeiro, 1965. 224 p.
- FRAY, L. *Desenvolvimento econômico e estrutura do mercado financeiro*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 261 p.
- GOLDSMITH, R. W. *Brasil, 1850-1984, desenvolvimento financeiro sob um século de inflação*. São Paulo, Harper, Row do Brasil, 1986. 557 p.
- LABASSE, J. *Les capitaux et la région*. Paris, Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1958. 532 p.
- LENIN, V. I. *Imperialismo; fase superior do capitalismo*. São Paulo, Global, 1979, 127 p.
- MOREIRA, R. *O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985. 215 p.
- O PROCESSO de concentração dos bancos comerciais e a formação de conglomerados financeiros. *Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, 27(1):46-48, 1973.
- PASSOS, C. F. *Estrutura financeira e desenvolvimento: O caso do Brasil*. São Paulo, Atlas, 1973. 209 p.
- RIBEIRO, B.; GUIMARÃES, M. M. *História dos bancos do desenvolvimento financeiro do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Pro-Service, 1967. 439 p.

## RESUMO

A partir da década de 60 verificou-se um processo de concentração bancária que implicou:

- a) concentração do papel de gestão financeira e do território, o qual elevou São Paulo à categoria de principal centro financeiro do país, a capital do capital; paralelamente, muitos foram os centros que perderam a função de gestão, enquanto outros viram-na reduzida;
- b) criação de redes nacionais de bancos comerciais privados, das quais a do BRADESCO, com mais de 1 800 agências em 1985, é a mais importante; em realidade, sete grandes bancos aparecem dominando o setor financeiro no país;
- c) crescente papel do estado a partir da criação de bancos comerciais estaduais, também com importantes redes bancárias; o Banco do Estado de São Paulo é o mais importante dos bancos estaduais; e
- d) a passagem de um "espaço molecular" para um "espaço monopolista".

## ABSTRACT

Since 1960's emerged a bank concentration process. The geographic implications of this are:

- a) concentration of the role of financial and territorial gestion, which transformed São Paulo in the main financial Brazilian metropolis, with the headquarters of the main banks; simultaneously many centers, included Rio de Janeiro, lost their role as financial center;
- b) creation of private national bank networks, as exemplified by BRADESCO with more than 1 800 units throughout the country in 1985;
- c) growing role of the state through the creation of state banks. São Paulo State Bank is the most important one; and
- d) transformation of space from "molecular space "to" monopolistic space".